

ESPERANÇA DE VIDA AUMENTA E DIFERENÇA ENTRE GÊNEROS DIMINUI

Queda de homicídios de jovens poupa vidas e explica avanço masculino

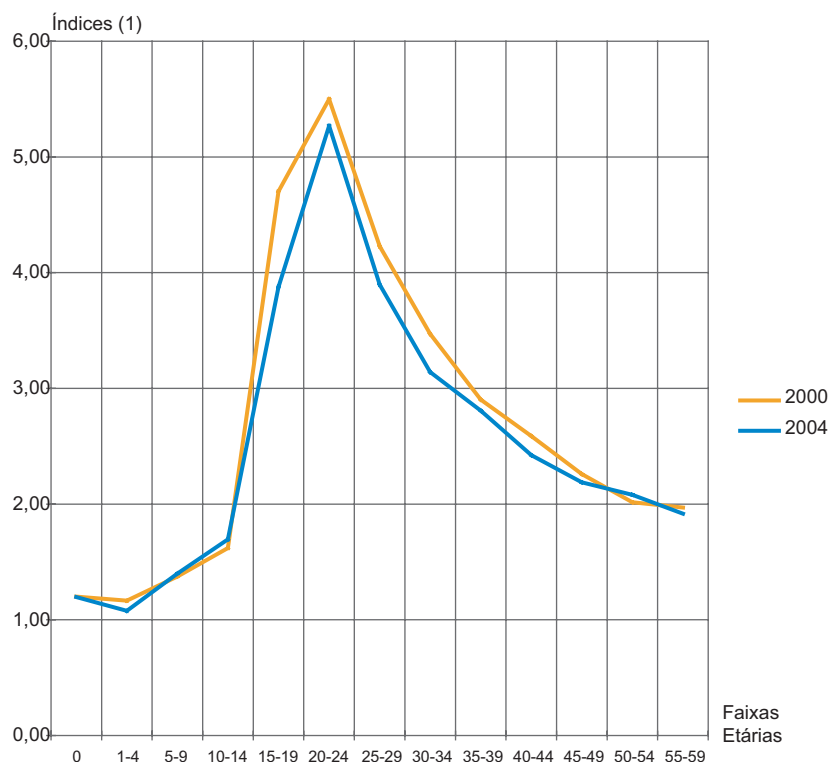
Em quatro anos, a esperança de vida ao nascer dos paulistas teve um acréscimo de 1,6 ano: de 71,5 anos, em 2000, passou para 73,1 anos, em 2004.

O ganho foi mais significativo para a população masculina, que de 67,1 avançou para 69,1 anos, resultando num aumento de dois anos na vida média do homem paulista. Para as mulheres, o acréscimo foi de 1,2 ano, tendo o indicador passado de 76,0 para 77,2 anos. Com isso, a diferença na esperança de vida entre homens e mulheres no período diminuiu de 8,9 para 8,1 anos.

Tal evolução é devida à redução dos índices de sobremortalidade masculina (razão entre as taxas de mortalidade masculina e feminina por faixa etária) no Estado de São Paulo. O Gráfico 1 evidencia a redução desses índices, sobretudo nas faixas etárias entre 15 e 34 anos de idade.

Gráfico 1

Índices de Sobremortalidade Masculina, segundo Faixas Etárias
Estado de São Paulo
2000-2004



Fonte: Fundação Seade.

(1) Razão entre as taxas de mortalidade masculina e feminina.

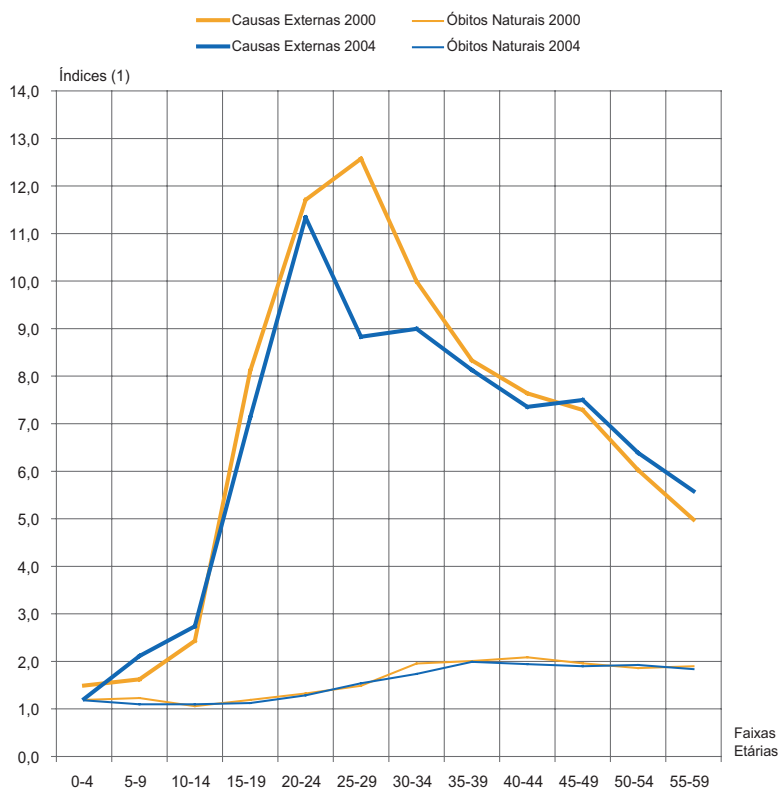
Essa elevada diferença entre os gêneros é uma característica marcante da evolução da mortalidade paulista. A sobremortalidade masculina, fenômeno demográfico mundial, encontra-se presente tanto nas causas de morte naturais quanto nas externas, mas é nas últimas que se verificam os indicadores mais expressivos.

A análise das causas de morte em São Paulo revela que as externas apresentam maior razão de sobremortalidade masculina que as naturais em todas as faixas etárias – atingindo, em 2000, seu maior valor na faixa etária de 25 a 29 anos (mortalidade masculina cerca de 12,5 vezes maior que a feminina). Em 2004, observa-se que a redução mais acentuada ocorreu nessa faixa etária, caindo o índice para cerca de nove vezes. Para as causas de morte naturais, a sobremortalidade masculina situa-se no máximo em torno de 2 (Gráfico 2).

Entre as causas externas, destacam-se as mortes por agressões, que representavam, em 2000, aproximadamente 46% do total das mortes por essas causas. Em 2004, ocorreu uma redução significativa das mortes por agressões, que passaram a responder por 38% do total das externas. O Gráfico 3 demonstra a evolução das taxas de mortalidade segundo os tipos de causas externas, entre 2000 e 2004, e destaca o papel decisivo da queda da mortalidade por agressões no conjunto das demais causas externas.

Gráfico 2

Índices de Sobremortalidade Masculina por Causas Externas e Mortes Naturais, segundo Faixas Etárias
Estado de São Paulo
2000-2004



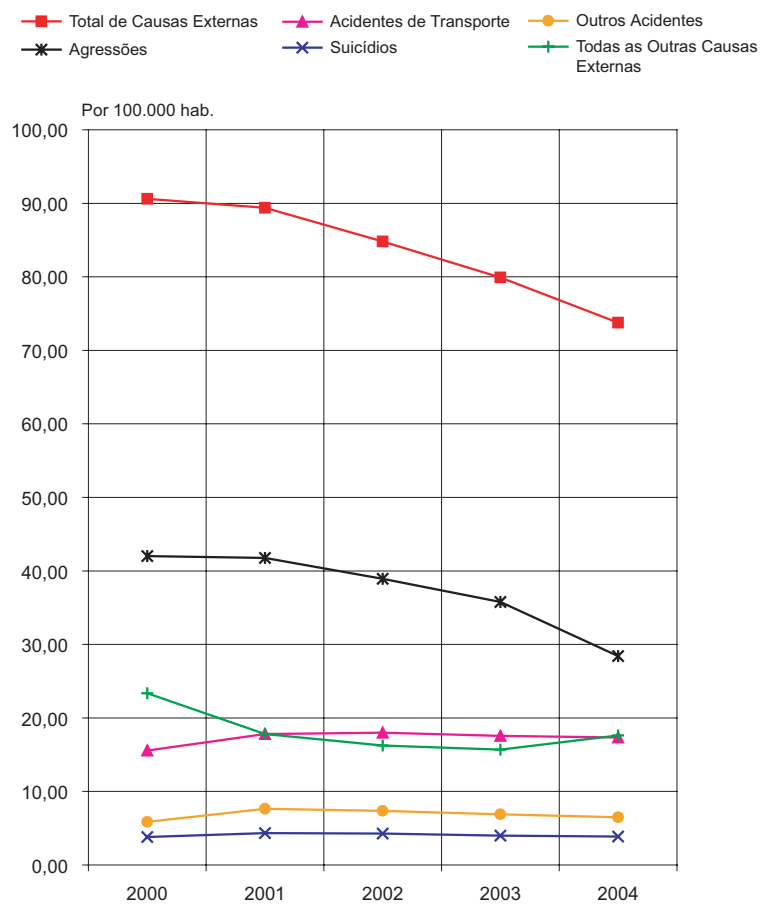
Fonte: Fundação Seade.

(1) Razão entre as taxas de mortalidade masculina e feminina.

O gráfico 3 deixa claro que a diminuição da sobremortalidade masculina, observada no Estado de São Paulo nesses quatro anos, associa-se diretamente à redução da mortalidade por agressões, que repercutiu com mais intensidade no conjunto da população masculina e contribuiu para a aproximação da esperança de vida entre os gêneros.

Gráfico 3

Taxas de Mortalidade, por Tipos de Causas Externas
Estado de São Paulo
2000-2004



Fonte: Fundação Seade.